

# OUTROS TEXTOS

# A MEMÓRIA DA INFÂNCIA E A FORMAÇÃO DA NAÇÃO EM LUÍS CARDOSO

## THE MEMORY OF CHILDHOOD AND THE FORMATION OF THE EMERGING NATION IN LUÍS CARDOSO\*

MARIENE DE FÁTIMA CORDEIRO QUEIROGA\*\*

VICENTE PAULINO\*\*\*

**Resumo:** A trilogia cardosiana refere-se ao conjunto das três primeiras obras de Cardoso, *Crônica de uma travessia: a época do ai-dik-funam* (1997), *Olhos de coruja, olhos de gato bravo* (2001) e *A última morte do coronel Santiago* (2003) que estão conectadas à história de Timor-Leste e que são objetos de nosso estudo. Luís Cardoso coloca sempre a história do seu país nos seus três romances, como a fase inicial da construção textual, criticando o colonialismo, sobretudo a política desonrada da Indonésia, expressando a história mais ampla de um mundo e de um sujeito no tempo presente e descontínuo, o tempo do trânsito, do reconhecimento das diferenças, do passado e do presente, da migração pós-colonial, a história do estar no exílio, em terra que não é sua. O seu pensamento enquanto autor-narrador era uma aventura subjetiva, que interiormente evidencia a articulação das diferenças culturais, quanto a ele é isto um importante subsídio para a elaboração daquilo que Homi Bhabha chama “estratégias subjetivas” (BHABHA, 1998, p. 20) tanto individuais quanto coletivas.

**Palavras-chave:** literatura de Timor-Leste, Luís Cardoso, trilogia cardosiana

**Abstract:** The cardosean trilogy refers to the set of the first works by Cardoso, *Crônica de uma travessia: a época do ai-dik-funam* (1997), *Olhos de coruja, olhos de gato bravo* (2001) and *A última morte do coronel Santiago* (2003) that are connected to History of Timor-Leste and are objects of its study. Luís Cardoso writes about the history of his country in his novels as an initial phase of textual construction, criticizing colonialism, especially a disgraced policy of Indonesia, expressing a wider history of a world and a subject without present and discontinuous time, from the time of transit, the recognition of differences, past and present, post-colony migration, a history of being in exile. His thinking as author-narrator was a subjective adventure, which inwardly shows a articulation of cultural differences, how much it is an important subsidy for an elaboration of what Homi Bhabha calls “subjective strategies” (BHABHA, 1998, p.20) both individuals as well as collective ones.

**Keywords:** East Timor literature, Luís Cardoso, cardosean trilogy

\* Este artigo recebeu apoio financeiro do Fundo de Pesquisa da Hankuk University of Foreign Studies (This article was supported by Hankuk University of Foreign Studies Research Fund).

\*\* Professora assistente na Hankuk University of Foreign Studies, Coreia do Sul.

\*\*\* Diretor da Unidade de Produção e Disseminação do Conhecimento e professor da Universidade Nacional Timor Lorosa'e, Timor Leste.

## Considerações prévias

Luís Cardoso é o mais genial entre outros autores timorenses.<sup>1</sup> A partir de sua obra, reconta fatos históricos, o exílio e aborda os diversos elementos identitários, culturais e tradicionais de seu país. Com cinco romances publicados até o momento, a trilogia *Crônica de uma travessia: a época do ai-dik-funam* (1997), *Olhos de coruja, olhos de gato bravo* (2001) e *A última morte do coronel Santiago* (2003), objetos de nosso estudo, e as obras *Requiem para o navegador solitário* (2007) e *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* (2013). Além destes, publicou também alguns contos em antologias, *Antes da meia-noite* e *Vésperas de natal* pela Editora Dom Quixote.

O termo *trilogia cardosiana* refere-se ao conjunto das três primeiras obras de Cardoso, *Crônica de uma travessia: a época do ai-dik-funam* (1997), *Olhos de coruja, olhos de gato bravo* (2001) e *A última morte do coronel Santiago* (2003) que estão conectadas e que podem ser vistas tanto como um trabalho único, que consiste na proximidade de temas que se repetem, quanto como obras individuais.

A personagem da trilogia cardosiana pode ser também o próprio autor-narrador, como sujeito principal da sua obra. O romancista é um sujeito que na expressão de Homi Bhabha: aquele “que representa uma diferença ‘interior’, um sujeito que habita a borda de uma realidade ‘intervalar’. E a inscrição dessa existência fronteira habita uma quietude do tempo e uma estranheza de enquadramento que ‘cria a imagem discursiva na encruzilhada entre história e literatura’” (BHABHA, 1998, p. 35).

<sup>1</sup> Para João Paulo Esperança, Luís Cardoso é “o mais genial dos autores timorenses, com cinco romances publicados, além da colaboração dispersa por vários jornais e revistas. *Crônica de uma travessia, a época do ai-dik-funam* (1997) é um relato autobiográfico que acompanha a história recente de Timor e uma série de travessias quer físicas quer interiores na vida do narrador e do seu pai, tudo a acontecer num universo mágico que em Timor impregna também a História. *Olhos de coruja, Olhos de gato bravo* (2001) entra mais fundo nesse mundo do fantástico, e vai à procura de mitos fundamentais do imaginário coletivo timorense, como os que rodeiam a revolta de Mnufohi. *A Última noite do coronel Santiago* (2003) maneja habilmente as técnicas narrativas enquanto vai contando as aventuras de figuras que incluem um escritor alter ego do autor, apaixonado pela personagem feminina principal do último romance deste. O maravilhoso e fantástico do sobrenatural timorense fundem-se com a ironia típica de Luís Cardoso e com referências abundantes aos ambientes, obras e referências de uma certa intelectualidade de esquerda europeia e moderna”.

Cailaco é uma região próxima da fronteira com Timor Ocidental. Foi nesta região que, em 1959, nasceu o escritor Luís Cardoso de Noronha e dizendo que “Quando me perguntavam donde eu era, dizia sempre que era de Ataúro. Só me foi dito mais tarde que a terra de cada um é o local onde nasceu. Assim, eu deveria dizer Cailaco” (CARDOSO, 1997, p. 59). Toda a sua vida adulta esteve em diáspora. Conheceu, portanto, mais de perto as duas realidades – Portugal e Timor – o que lhe fez “imaginar” o convívio de dois povos:

Em Timor, no tempo da administração portuguesa, os manuais escolares ensinavam-nos os nomes de rios, das serras, das linhas de caminho-de-ferro, das cidades de Portugal. Havia um percurso de imaginário de um país distante, que não conhecíamos. Havia um encantamento provocado pelo que nos ensinavam na escola, onde existiam dois mapas, o da mãe-pátria e o da Terra Santa. Entre os dois havia uma coincidência: o poder colonial transmitia uma imagem mítica de Portugal que era coincidente com a imagem da religião originária da Terra Santa. A mensagem transmitida pelos missionários decalcava as razões da pátria com as da religião. Era o tempo do encantamento. [...] O Timor, ficava sobretudo na parte escura desta luz. Ainda estávamos na escuridão, tínhamos de sair da escuridão para conhecer a luz que nos era oferecida, tanto através dos manuais escolares como através da própria religião. Havia um encantamento, que girava na nossa cabeça. A maioria nem sabia o que era Portugal, era uma coisa tão distante. A única possibilidade de irmos a conhecer este paraíso era caso um dia conseguíssemos um lugar de funcionário da administração, os quais podiam vir cá nas viagens de licença graciosa.

A intertextualidade nas obras de Cardoso é fortemente construída a partir das grandes obras literárias clássicas e contemporâneas. Jane Tutikian argumenta que a composição da textualidade cardosiana aparece quase em forma parodística, construída a partir dos fragmentos de Camões, do poema de Sophia de Mello Breyner e do texto de Borges. O romancista Luís Cardoso busca também alguns estilos de intertextualidade pertencentes a Steinbeck e Vasques Figueiroa, Saint-Exupéry, a poesia de Jorge Lautém, de Fernando Pessoa, de Santo Agostinho, das quadras do século XVIII, Dostoievski, das profecias de Luther King, de Lobo Antunes.



Esse autor timorense lança mão de outras fontes: o cinema, com Visconti, Bertolucci, Fellini, Copolla, com John Wayne, *Pulp Fiction*, Uma Thurman, Calamity Jane... Está a música: *encosta a tua cabecinha no meu ombro e chora*, Jane Birkin, com *je t'aime mois non plus*; Chico Buarque “a quem se pode perdoar tudo” (CARDOSO 2003, p. 58), o conjunto Margem Infinita, a cantora Nina Simone *avec le temps.../Avec le temps va tout s'en va, non rien de rien Je ne regrette rien*, Patxi Andion, Chopin, *ne me quitte pas! Ne me quitte pas! Ne me quitte pas!*, fragmentos de Caetano Veloso, *Ilhas da bruma*, Puccini com Maria Callas, Roberto Carlos, João Afonso... Estão as artes plásticas com a Guernica ou a Vitória de Samotrácia; com Frida Khalo (TUTIKIAN, 2006, p. 154).

## 1. A memória de uma época

A *Crônica de uma travessia* é um romance de tipo autobiográfico. Nesta obra, o narrador dá largas à sua memória a partir da diáspora, reflete os seus primeiros momentos de vida itinerante, e participa como espectador e sujeito das histórias do Povo Maubere na diáspora e aprofunda a Língua Portuguesa. É um romance que relata uma série de travessias que marcaram a vida do narrador e de seu pai, e em Timor impregna também a História, ou a percepção que as pessoas têm da História (ESPERANÇA, 2005, p. 134), pois neste romance que o autor-narrador reflete o seu percurso de vida, como por exemplo, narra-se o seu percurso de estudo nos colégios missionários de Soibada, Fuiloro e Seminário de Dare. Quando se deu a Revolução dos Cravos em 25 de Abril de 1974 frequentava o Liceu Dr. Francisco Machado em Díli, vindo posteriormente a Portugal para prosseguir os seus estudos no ensino superior português, como revela o seu diário *Crônica de uma travessia*:

As idas a metrópole de estudantes timorenses contemplados com bolsas de estudos fizeram com que o meu progenitor, esquecida a tormenta da minha exclusão da vida clerical, apostasse em mim como uma saída pelo aeroporto que seria o corolário dos anos de penúria por ele atravessados. Seria, então, o momento de ele cobrar o empréstimo com a glória de ter um filho embarcado. (CARDOSO, 1997, p. 82-83)

*A Crônica de uma travessia* é um romance que recupera a memória de Luís Cardoso que escreve na Europa e pensa em Ásia, concretamente, Timor. O distanciamento que o separa não afeta o seu sentimento de pertença. Ele dirige sempre o seu olhar ao Oriente (a terra do sol nascente) e começa a descobrir a identidade do seu ser. Embora o narrador em *A última morte do coronel Santiago*, reconhece que “[...] consciente de que ‘depois do ultramar’ damos finalmente conta que existe um mar que nos separa. Os ressentimentos ainda existem...” (CARDOSO, 2003, p. 107). E mesmo “[...] a terra prometida é um paraíso extinto...” (ibid., p. 84). “Foi-se aos poucos excluindo de tudo. Recusava ter uma família, uma religião, uma terra e uma pertença” (ibid., p. 87). Esse comportamento de recusa demonstrado pelo personagem de Luís Cardoso é classificado como personagem pós-colonial.

## 2. “Timor” como assunto principal da trilogia cardosiana

Luís Cardoso afirmou que foi a experiência de divergência política dos líderes timorenses que permitiu a invasão da Indonésia, fala de uma espécie de inversão até que a independência se faça:

Por incrível que pareça, Timor sempre foi a terra dos exilados portugueses, dos anarquistas de quem o regime se queria livrar. O que acontece agora, é que somos nós, timorenses, que tomamos Portugal como a nossa terra de exílio. Há, neste ponto de vista, uma rota ao contrário: antes era Timor que recebia os portugueses que o regime exilava. Hoje, são os portugueses a receber os exilados timorenses.<sup>2</sup>

A história sangrenta em Timor volta a ser notícia da primeira página nos jornais. Um trágico acontecimento que chocou o mundo, foi o Setembro Negro de 1999. A própria percepção da memória de Lucas (figura principal do romance *A última morte do coronel Santiago*) informa o interlocutor que “Tinha pena do que se estava a passar naquela terra. Queria chorar o drama daquele território.

<sup>2</sup> Fragmento de entrevista concedida, por Luís Cardoso ao *Expresso*, em 1999. Disponível em: [http://www.terraviva.pt/ilhadomel/4201/paginas/luis\\_cardoso.htm](http://www.terraviva.pt/ilhadomel/4201/paginas/luis_cardoso.htm), (acesso em: 15 jul. de 2015).

[...] O pecado da mãe-pátria. Separava-os, mais do que a cor das peles, a distância de outros tempos. Quando ainda era tempo do ultramar” (CARDOSO, 2003, p. 43).

Luís Cardoso coloca sempre a história de Timor nos seus três romances, como a fase inicial da construção textual, criticando o colonialismo, sobretudo a política desonrada da Indonésia, expressando a história mais ampla de um mundo e de um sujeito no tempo presente e descontínuo, o tempo do trânsito, do reconhecimento das diferenças, do passado e do presente, da migração pós-colonial, a história do estar no exílio, em terra que não é sua, mas de todos os exilados e por motivo do seu estudo no exílio, o narrador não presenciava fisicamente na guerra civil e na posterior invasão Indonésia. A propósito, dizia ele: doravante o êxito nos estudos poderia dar-me a possibilidade do exílio ou o desterro por mérito (CARDOSO, 1997, p. 95). Como previa que, acima de tudo, o seu pensamento enquanto autor-narrador era uma aventura subjetiva, que interiormente evidenciava a articulação das diferenças culturais, quanto a ele é isto um importante subsídio para a elaboração daquilo que Homi Bhabha chama “estratégias subjetivas” (BHABHA, 1998, p. 20) tanto individuais quanto coletivas.

Nessa perspectiva, percebemos que o anulamento das diferenças culturais ocupa um espaço marcado pelos discursos das minorias nos locais em que há tensões entre as culturas (ibid., p. 209). A esta observação o melhor exemplo de representação é Lucas Santiago (o principal personagem do romance *A última morte do coronel Santiago*). Neste caso, a identidade de uma pessoa não está ligada exclusivamente ao seu interior, mas engloba, sobretudo o carácter social e cultural.

A figura feminina em *Crônica de uma travessia* é representada pela mãe do narrador, a “Velha Clara”, como a Mãe-Pátria, ou seja, segundo a tradição timorense, o estatuto da Mulher é de defensora da cultura timorense, que reforça a tradição de resistência da nação. Nesta representação feminina encontra-se o choque civilizacional entre o que é imposto pela cultura externa e o que é saber defender os seus costumes – cultura interna.

Já havia directrizes oficiais no sentido de os funcionários públicos tomarem como vestuário roupa ocidental, de acordo com as funções que exerciam e chegando a haver prerrogativas extensivas aos respectivos familiares. Minha mãe já se revoltara com o facto, quando, um dia, o meu pai, de regresso a casa com a prestação

mensal do ordenado na mão, a informou que os chefes lhe haviam comunicado que as mulheres dos funcionários deveriam substituir o seu traje tradicional pelos vestidos ocidentais. Ela respondeu que há um tempo na vida em que a mudança só pode significar catástrofe. Que não se sentia trajada para o ridículo, vestida de vestido e mascando a masca. (CARDOSO, 1997, p. 52)

A cultura timorense é cada vez mais híbrida, pois a cultura portuguesa – nomeadamente a língua e a religião – prolonga-se até hoje como um dos elementos indispensáveis na afirmação da identidade timorense. Nota-se este elo no relato do narrador, ao dizer que, quando o seu pai perdeu a memória num acidente de viação, foi levado à metrópole, e foi tratado como um bom servidor da pátria lusa. Porém, ao mesmo tempo, começa a surgir dentro do narrador o profundo sentimento de pertença à Mãe-pátria – o atual Timor-Leste – a quem sempre serviu no tempo da administração colonial portuguesa.

A noção de cultura híbrida está bem marcada em *A última morte do coronel Santiago* (2003). É um romance que relata a história do encontro de duas culturas, na experiência do homem solitário, sob a voz solitária de Lucas Santiago, o personagem principal da obra desdobra-se coletivamente, na medida em que resgata o universo animista timorense, com a sua crença, com o seu folclore.

Na pessoa de Lucas Santiago (representado pelo próprio autor) vê-se o percurso de contato ou de encontro entre duas culturas, a mítica (da ilha) e a racional (europeia), abrindo-se para o caminho de hibridação cultural (BHABHA, 1998). Neste sentido, o universo ficcional desta obra – do ponto de vista tradicional – ultrapassa a fronteira da cultura nacional para o global. Isto faz-nos perceber que o universalismo da cultura humana é reforçado pelos valores das ideias e nova abertura de seu horizonte a outras culturas.

Na ausência do governo metropolitano, os timorenses tornaram-se senhores de suas próprias vidas: “Trazia a esperança de encontrar uma merecida recompensa, melhores dias, não tanto pelos préstimos doados enquanto convertido e zeloso funcionário do império, mas, sobretudo, pelo facto de terem sido eles, os Timorenses, a assumir a suprema tarefa de substituir a mãe-pátria distante durante as suas ausências nos momentos difíceis” (CARDOSO, 1997, p. 12).

A diversidade linguística como marca identitária da nação timorense aparece na narrativa de Luís Cardoso mediante as línguas étnicas, pela inserção da influência da língua inglesa, da língua indonésia. Como refere o romancista: “Era uma



autêntica Torre de Babel para onde afluíam jovens de muitas partes de Timor, falantes de muitas línguas”(ibid., p. 49). Neste aspecto, o narrador faz-nos saber que a imagem da Nação de Timor-Leste é constituída por multiplicidade de línguas, que têm relação entre si, juntamente com o Tétum e o Português. Acresce ainda o romancista que, na Segunda Guerra Mundial, o Japão deixou algumas marcas, quer pela ofensiva política quer pela repercussão cultural:

Depois, quando ouvia a minha mãe cantalar as monocórdicas e melancólicas canções que aprendera com os soldados do Império do Sol Nascente na altura em que se encontrava refém dos Japoneses na aldeia de Ulfu, também ele cantava outras em língua inglesa e era como se a guerra tivesse continuado em minha casa e perdurado em nossas cabeças. Feito o balanço, mais de cinquenta mil timorenses sucumbiram, garantindo a Portugal, até hoje, a continuidade da sua trágica aventura e aos Australianos a soberania de Sua Majestade a Rainha de Inglaterra (ibid., p. 16).

Esta existência fronteiriça traça a identificação do indivíduo com o universo da sua origem, ou seja, na asserção referida pode entender-se que a mãe do narrador recorda as canções da sua origem, e que este indivíduo está a “imaginar” a sua relação com o legado cultural dado pelos seus ancestrais fundadores. Este legado cultural ocidental foi recebido diferentemente, por imposição ou por assimilação: por exemplo, na família do narrador foi imposto, no caso da mãe, e assimilado no caso do pai. O que aconteceu nesta estrutura familiar alarga-se à coletividade da nação em constante processo de fundação, ou seja, unindo a casa e o mundo (BHABHA, 1998, p. 35).

### 3. Questão da nação emergente

A questão da nação emergente – no caso da reivindicação da identidade cultural e a formação da nação de Timor-Leste – está bem marcada na *Crônica de*

*uma travessia* e *Olhos de coruja olhos de gato bravo*. Quer da primeira quer da segunda, Luís Cardoso reflete o universo de referências culturais em Timor, entre a elite local emergente.

Na sua primeira obra, o narrador não fez referência apenas à elite local emergente de Timor (preferencialmente ao seu pai), mas estendia a sua reflexão às demais colônias portuguesas, como Angola e Moçambique pois, de fato, entre as colônias portuguesas havia uma circulação de membros das elites locais emergentes. Ao falar disso, em *Crônica de uma travessia*, Luís Cardoso destaca alguns personagens africanos que foram parar em Timor-Leste. Um desses é o velho Sokão, homem do governo, que conduzia o barco na travessia de Díli para a Ilha de Ataúro. O barco também levava um prisioneiro, pois a ilha de Ataúro, nos olhos da autoridade colonial, era um lugar seguro para punir os prisioneiros políticos. Do ponto de vista sociológico, este é um fato importante para se abordar, pois Timor, em função do seu isolamento, foi considerada uma colônia penal para o colonizador português durante muito tempo e o fato de ter recebido presos políticos teve implicação para a formação das elites.

As narrativas sobre a influência dos militares nas colônias portuguesas, especificamente em Timor, foram abordadas por Luís Cardoso na *Crônica de uma travessia*, em que o narrador assinala claramente tal influência:

E foi nessa altura [1974] que chegaram da metrópole alguns jovens oficiais milicianos, muitos deles punidos com a tropa por actividades políticas nas universidades e cujas mulheres passaram a leccionar no liceu e municiam o meu conhecimento com literatura clandestina. Falavam de Coimbra, do fado e da praxe, da Académica, da constatação e do insulto ao mais alto magistrado da Nação. [...] A tropa continuava a sua campanha de moralização das hostes sem guerra, acantonadas em todas as partes do território e levando por diante tarefas relevantes na construção das escolas para jovens timorenses sem meios de estudar. Recrutavam então valores dispersos pelos aquartelamentos, metropolitanos e nativos, cantadores românticos e imitadores de bandidos, que abandonadas as espingardas, armados de viola e microfone partiam numa caravana, denominada artística, parecida com aquela do farwest representadas nos livros de sete balas. Era certamente o único momento em que se podiam ouvir canções de um tal Zeca Afonso – Grândola, vila morena – cantadas por oficiais estudantes. De ousadia em ousadia, passaram também a exhibir filmes nos quartéis, para maiores de muitos

anos, e que não eram acessíveis através da sala de cinema do Sporting (de Díli).  
(CARDOSO, 1997, p. 88)

Este excelente extrato tem a sua importância para a sociedade daquele tempo, uma sociedade estudantil militarizada da metrópole que não gostava de ir para as colônias. Os jovens milicianos que se revoltaram contra o seu próprio governo, foram obrigados a ir para Timor, onde criaram uma rede *política e revolucionária* com a distribuição de livros proibidos pela autoridade da metrópole, promovendo eventos culturais com espetáculos musicais e exibição de filmes sobre a história da revolução à reduzida elite escolarizada na sala de cinema. As atividades desta natureza foram alargadas intensamente depois da Revolução dos Cravos de 25 de Abril de 1974 em Lisboa, cujo objetivo genérico era descolonizar as colônias e, de certa forma, em 15 de Maio do mesmo ano, o governo da metrópole criou a Comissão para a Autodeterminação de Timor, com a finalidade de consciencializar os portugueses de Timor. Tal determinação constava do plano de trabalho da Presidência do Conselho de Ministros e era classificado como *dossier* de “pedagogia política”.<sup>3</sup> Surgiu, assim, uma promoção política supervisionada pelos militares portugueses e agentes do MFA (Movimento das Forças Armadas) que fomentava os métodos e discursos nacionalistas dirigidos à reduzida elite local.<sup>4</sup>

Seguindo a pedagogia política lançada pelos jovens milicianos portugueses e agentes do MFA, as elites timorenses com pouca experiência criaram partidos políticos com orientações diversas quanto ao futuro de Timor-Leste. Como lembrou Luís Cardoso:

<sup>3</sup> Cf. GOVERNO DE PORTUGAL, 1981, p. 29-30.

<sup>4</sup> Na sessão plenária parlamentar de 9 de Dezembro de 1975 (dois dias depois da invasão Indonésia), o deputado do PS, Manuel Alegre, criticou severamente os militares portugueses destacados em Timor daquele tempo, classificando-os como “irresponsabilidade demagógica” de “certos militares portugueses, que quiseram exportar para Timor um processo de libertação copiado daquele que se verificou nas ex-colônias portuguesa da África [...] Simplesmente, do mesmo modo que as revoluções não se copiam nem se importam, também as lutas de libertação não se exportam”. Pensamos que, neste sentido, Manuel Alegre, tinha razão, mas este deputado esqueceu-se de criticar os seus colegas do mesmo partido, Mário Soares e Almeida Santos, os ambos foram fomentadores do caos em Timor-Leste, com as declarações: “Timor é uma pequena ilha da Indonésia que não tem nada ver com Portugal” (discurso de Mário Soares) e “Timor mantém-se com Portugal ou integra-se na Indonésia, ou seja, Timor é um território de transatlântico que custou muito dinheiro ... a independência de Timor é uma realidade atroz” (discurso de Almeida Santos).

O tempo corria veloz demais e a corrente secular soltou o módulo e escorregou por uma longa ribanceira. Todos queriam correr o mais depressa possível, mais do que o tempo providenciava, para agarrar a época certa. De grupos diversos e adversos, passaram a organizações contentoras. Como foi possível a árvore de Samoro ter produzido três ramos tão antagônicos? (ibid.)

Nesse trecho compreendemos exatamente aquilo que se passou em Timor em 1974 -1975, e que os timorenses foram divididos pelo colonizador português pela insuportável pedagogia política promovida por agentes do MFA. Tal divisionismo ideário político estava bem visível na *Crônica de uma travessia*, de que o pai do romancista era membro da UDT – União Democrática Timorense – e defensor do *matebandera-hum* (morrer à sombra da bandeira), sendo do partido oposto ao que conquistou o poder, ou seja, o partido do seu filho, Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FRETILIN). Na guerra civil, o pai do narrador foi preso e ficou cativo da FRETILIN. Por este fato, o autor-narrador diz que o pai era responsável por ser aderente da UDT, fazendo assim uma crítica suave à oposição política do pai.

No seu romance *Olhos de coruja olhos de gato bravo*, Luís Cardoso sintetiza muito sobre os elementos sociais, políticos e culturais da sociedade timorense. Este romance é muito diferente da *Crônica de uma travessia*, por ser um romance que conduz o leitor a um conhecimento mais profundo dos aspectos culturais da sociedade timorense. Neste seu segundo romance, Luís Cardoso aborda de forma explícita os aspectos sociológicos e cosmológicos dos timorenses que vivem no interior do país e, de modo mais profundo, a questão da nação emergente.

A leitura do romance *Olhos de coruja olhos de gato bravo* disponibiliza uma descrição densa das estruturas sociais e políticas locais, reforçadas enquanto tais, a partir da relação dialética com a colonização portuguesa. A leitura do romance relata a vida da família de Beatriz, pois considerava-a como um exemplo dos diferentes segmentos que formaram as elites coloniais locais do país, sobretudo no século XX. Destaca fundamentalmente a passagem de vida da jovem Beatriz. O pai dela era professor catequista, uma profissão com um certo estatuto social valorizado naquela época; o administrador de uma vila que pertenceu ao trono de Manumera era tio da Beatriz, conhecido por Benvindo. A jovem Beatriz era neta da ex-rainha de Raitetuc, conhecida como “a senhora de Manumera”.

Sua avó ex-rainha chamava-se Beatriz, assim como a sua mãe. Portanto, na composição geracional desta família havia uma tradição em que todas as mulheres se chamavam Beatriz.

A personagem Beatriz é representada como uma alegoria do próprio Timor. No dia do seu batismo, o padre “Santa” colocou-lhe uma venda nos olhos. O pano preto utilizado pelo padre “Santa” representa como que uma aliança da Igreja Católica com os timorenses, ou seja, interpretado como uma metáfora do papel alienador da Igreja Católica, que forjou uma série de mecanismos para que a população timorense dita nativa não tomasse consciência da exploração. Só é possível retirar a venda dos olhos de Beatriz com a morte do agente colonial, Luís de Albuquerque. Neste contexto, a cena do assassinato de Luís por Beatriz pode ser interpretada como uma alegoria, pois foi a partir daí que as elites timorenses passaram a revelar o seu desgosto para com o agente colonizador, com a reivindicação da sua identidade cultural própria.

O conflito que Luís Cardoso destaca neste romance é a revolta de Manufahi liderada por D. Boaventura. Acresce que, devido a esta guerra, os laços familiares de Beatriz estavam conturbados, e foi por isso que os pais dela começaram por reunir os familiares para reforçar as relações entre os membros das suas famílias. Em *Olhos de coruja olhos de gato bravo*, Luís Cardoso, apresenta personagens que representam as elites locais de Timor Português, que existiam antes da colonização portuguesa, quando as emergentes eram fruto das políticas de assimilação timorense na sociedade portuguesa. Devido a este fato, Luís Cardoso fez questão de retratar neste seu segundo romance as relações políticas em Timor-Leste e construiu os seus personagens com posições políticas partidárias surgidas em 1975.

Todos os partidos fundados em Timor, em 1974, estão representados direta ou indiretamente por algum personagem do romance *Olhos de coruja olhos de gato bravo*. Nesta obra, Luís Cardoso apresenta três personagens masculinos que representam os três partidos políticos: o ex-tenente Luís de Albuquerque, Natalino e o pai de Beatriz. Estes personagens foram criados com o fim de poder identificar as posições políticas das elites timorenses. Luís de Albuquerque foi apresentado como representante do domínio português em Timor e membro do Partido Federalista, que se chama União Democrática Timorense (UDT), o Natalino (o filho do Régulo de Manumasin) como membro da FRETILIN, enquanto o

pai de Beatriz foi apresentado como membro fundador do Partido Unionista em Timor (APODETI).

Quer o personagem Luís de Albuquerque quer o Natalino lutaram pelo seu interesse; o de se casar com a bela jovem Beatriz. Natalino era um personagem importantíssimo nas representações de Luís Cardoso a respeito das elites locais emergentes, pois era filho do régulo de Manumasim, que partilha a ideia da nação, ou seja, pela Independência de Timor. O principal interesse do pai de Natalino, era casá-lo com Beatriz para sedimentar os laços políticos entre as famílias: seria politicamente interessante juntar os descendentes de duas linhagens reais. Mas a aliança desta natureza não se realizou porque a jovem Beatriz casou-se com Luís de Albuquerque, o representante do domínio português e da UDT.

Nesta direção, entrecruza-se a cultura do colonizador (duma minoria) com a cultura dominante (a cultura da população local). Homi Bhabha considera que “a articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica” (BHABHA, 1998, p. 20-21). Pode-se dizer que, no entanto, a morte de Luís Albuquerque faz parte desta transformação, com a passagem do estatuto de Timor Colonial para o de Timor Independente.

Luís Albuquerque matou Natalino, que era seu adversário político. Devido a este fato e à situação política, que estava cada vez pior, Luís de Albuquerque estava com pressa de se casar com Beatriz, pois sabia que cedo ou tarde seria condenado à morte. O casamento dos dois foi consumado e, finalmente, ambos tiveram a sua primeira relação sexual, enquanto Luís suspirava de prazer, a sua noiva Beatriz enfiou o alfinete de esmeralda oferecida pela sua avó (ex-rainha) nas costelas do seu marido. Morreu assim, o ex-tenente Luís. A morte de Luís de Albuquerque era o fim do colonialismo português em Timor e o início da formação da nação timorense, com a proclamação da sua Independência.

A morte de Luís foi uma alegria para Beatriz. Isto quer dizer que, com a morte do marido, a venda preta que estava colada nos olhos de Beatriz começava a desaparecer e deparava-se com os olhos verdes de gato bravo do seu esposo Luís. O romance termina com o assassinato de Luís de Albuquerque por Beatriz. O alfinete usado por Beatriz é um instrumento de morte, pois de fato, é um objeto que tem significado muito importante na ligação da própria obra *Olhos de coruja* com *A última morte do coronel Santiago*.



## Reflexões finais

Na síntese geral das três obras de Cardoso, nota-se a existência de uma tipologia das elites timorenses – do ponto de vista sociológico e cosmológico – constituída por três tipos ideais: o primeiro é o das relações privilegiadas da elite local com a igreja, representadas nos *Olhos de coruja olhos de gato bravo* pelo padre “Santa” e pelo velho catequista; o poder local tradicional, ancorado em preceitos cosmológicos tradicionais, representado pela senhora de Raitetuc; e as elites incorporadas na administração colonial portuguesa, que tem como representantes o régulo, o administrador do subdistrito de Manumasin, o Senhor Benvindo. O segundo é a relação de Lucas Santiago – n’*A última morte do coronel Santiago* – com profundas raízes em Timor e, simultaneamente, pelo seu modo de expressão de saudade à ilha do Sol Nascente. O terceiro é a elite incorporada na administração portuguesa e defensora da tradição da identidade local, representadas na *Crônica de uma travessia* pelo pai do menino Luís (autor-narrador da obra) e pela mãe, a Velha Clara.

Deve entender-se que as elites estão inter-relacionadas com as funções assumidas. Para ser chefe de posto, por exemplo, é necessário que se tenha uma formação em bons colégios (os bons colégios em Timor no período português eram os católicos), ter sido batizado e estar inserido na comunidade cristã e, de preferência, ter algum parente com posições políticas ancoradas em preceitos cosmológicos tradicionais.

Percebemos também que a constituição da identidade ocorre – em parte – de forma consciente e, simultaneamente de forma inconsciente, podendo variar, o que depende também da natureza histórica da pessoa e da sociedade nas épocas de crises de identidade, nos conflitos e/ou nas desordens institucionais soberanas do Estado-nação. Somadas, tais crises constituem o processo natural do desenvolvimento das pessoas, desde que não se prolonguem nem comprometam as outras fases. São fases que vão desde a infância (passado) até ao futuro, já que precisam de ser renovadas a cada época da vida. É isto que Luís Cardoso narra no seu romance *Crônica de uma travessia*, descrevendo as histórias de vida dos desenraizados – os povos sem pátria e martirizados – refletindo para a dimensão humanista e a complexidade sócio-estrutural, presentes no horizonte da formação de uma possível identidade timorense. Temos o plurilinguismo existente no território, os conflitos de fronteira interna e externa que integram o

imaginário da resistência maubere; e também o indivíduo que busca identificar-se em relação a si mesmo e à sua ascendência – para depois assimilar a noção de comunidade imaginada na qual o próprio narrador está integrado.

## Referências

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Rio de Janeiro: Belo Horizonte, 1998.
- CARDOSO, Luís. *Crônica de uma travessia: a época do ai-dik-funam*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- CARDOSO, Luís. *Olhos de coruja, olhos de gato bravo*. Lisboa: Dom Quixote, 2001.
- CARDOSO, Luís. *A última morte do coronel Santiago*. Lisboa: Dom Quixote, 2003.
- ESPERANÇA, João Paulo Tavares. Um brevíssimo olhar sobre a literatura timorense. *Me-alibra – Revista de Cultura*, n. 16, série 3, Viana do Castelo, Centro Cultural do Alto Minho, 2005.
- GOVERNO DE PORTUGAL. Presidência do Conselho de Ministros. *Relatório da Comissão de Análise e Esclarecimento do Processo de Descolonização de Timor*. Lisboa, 1981, p. 29-30.
- TUTIKIAN, Jane. Lucas Santiago: uma personagem pós-colonial. *Letras de Hoje*, v. 41, n. 3, Porto Alegre, 2006, p. 149-158.